

NA ILHA DE TRANQUILIDADE QUE ERA JERUSALÉM, A SEMANA SANTA FOI ISSO AÍ

José Alexandre dos Santos, o *Ceará*, foi preso em sua casa, no subúrbio carioca de Oswaldo Cruz, em junho de 1940. Hoje ele vive em uma das casas da Vila Kennedy sozinho, pois sua mulher morreu de tuberculose, vítima da fome, durante os anos em que o marido esteve preso. As torturas que sofreu na Chefatura de Polícia do Distrito Federal o inutilizaram. Em 1947, ele deu um depoimento ao jornalista David Nasser, que o publicou em seu livro *Falta Alguém em Nuremberg*. Este é o resumo:

“Quero esclarecer que eu nunca fora preso e não tivera o mais leve contato com a polícia. Nunca pertencera à organização clandestina dos comunistas e, portanto, acreditava que a única coisa que a polícia poderia fazer seria me libertar, mal me ouvisse na delegacia. Entrei no carro da polícia e, mal sentei-me na parte traseira, vi que as coisas estavam tomando outro rumo... Cheguei ao gabinete do Tte. Emílio Romano todo ensanguentado... Emílio Romano chegou perto do meu rosto e, numa voz cheia de mel, perguntou-me se eu queria dizer onde era a sede do comitê. Repeti-lhe que nada sabia sobre comitês, que não era comunista e, se fosse, diria sem hesitar.

— “Bem — concordou Romano — se você não quer falar agora, na volta conversaremos. Vou dar um pulo lá embaixo...” Minutos depois ele voltava: — “Vai se abrindo, cachorro! Você é elemento de ligação. Vai dizendo logo, antes que eu perca a calma!”... A seguir, eu lhe disse, sem levantar a voz, porém firmemente: — “Quer matar, pode matar, pois não posso dizer uma coisa que não sei...” Despejaram sobre minha cabeça, meu rosto, minhas costas, seus cassinetes de borracha, que envergavam e se enrolavam em mim. Fiquei cego de dor. Doía

tanto que por fim não sentia mais... Logo se ouviu o ruído de um rádio no ponto mais alto e, em seguida, duas motocicletas começaram a funcionar. Compreendi que eles queriam abafar meus gritos. Levantaram-se os seis homens e começaram a me bater de novo, com os cassinetes de borracha. Uns se enjoaram desta arma silenciosa e se valeram dos próprios punhos, esbordoando-me no rosto...

Eu sentia tudo em chamas sobre mim. Minha cara era um braseiro. Um deles deu-me um soco na barriga que vomitei o jantar misturado com sangue. Caí sobre a madeira do chão e recebi um pontapé na boca. Cuspi os dentes arrancados. Eles fizeram uma pausa e perguntaram se eu queria confessar. Confessar o quê? Hoje, que tudo está longe, juro pela minha honra que nada poderia confessar. E a segunda fase começou... Romano, que assistia à cena com o mesmo sorriso cínico, comentou: — “Você vai morrer aos pouquinhos!”

Um dos investigadores saiu e voltou com uma toalha molhada. Torceu-a, fazendo dela uma corda. Envolveram-me o pescoço com ela e cada um segurando uma ponta, tal qual serra de madeira. Eu gritava como louco... Pisavam-me no peito, chutavam-me a cara e eu sentia o bico do sapato quebrar-me os ossos. (No hospital, constataram depois 32 fraturas). Instalados sobre mim, batiam com os cassinetes de borracha cientificamente sobre os rins, sobre a bexiga. Queriam — diziam eles em alta voz — rebentar-me a bexiga. Pisaram, com seus sapatos duros, sobre ela mil vezes. De repente, uma febre alta e violenta me invadiu...

Um sujeito forte sentou-se a meu lado... Começou a falar maciamente: — “Porque você não confessa logo? Terá um em-

prego na polícia, viverá bem, sem preocupação”. Respondi que eu tinha a profissão de montador-eletricista e não tinha necessidade de trabalhar na polícia, nem sabia das coisas que eles desejavam saber. O homem sorria ainda, quando me disse: — “Pois é, você tem um olho quase do lado de fora. Vou fazer o mesmo com o outro”. E sem que eu esperasse, pois seu rosto não sofreu a menor alteração, deu-me um soco tão violento que senti meu corpo ser projetado sobre as três camas que estavam na sala. Caí a quatro ou cinco metros de distância e lá estava o miserável chutando-me o rosto...

Conduziram-me à sala dos detidos, onde escutei conversas tenebrosas entre os investigadores. Eles imaginavam que nunca terminaria aquela situação e se vangloriavam da impunidade. Um deles contava a outro novo método de tortura, pela primeira vez aplicado a uma mulher: — “Você não imagina que coisa gozada! Viramos a mesa de pernas pro ar. Amarramos cada perna da mulher nas pernas da mesa, o mesmo fazendo com as mãos. Sobre a mesa virada, estendemos um travessão de madeira. Sobre o travessão colocamos uma vela acesa. A vela pingava sobre a mulher e aquilo parecia picada de alfinete em brasa. Só que era pior. Ela não agüentou muito e confessou tudo. Que invenção, companheiro, que grande invenção! Não há mulher que resista”...

As palavras foram ficando longe e adormeci de cansaço e de dor. Acordei com uma violenta bofetada... Ante a gravidade de meu estado, levaram-me ao hospital. Depois de 8 dias com sondas, pois os ferimentos na bexiga iam se fechando e com eles o próprio orifício uretral, pude aliviar minha dramática situação, entre dores horríveis... Desde aquele dia, passei 26 vezes pelo bisturi... Durante 45 dias, arrancaram-me pedaços de carne podre do corpo... Hoje, a água que bebo sai por um orifício aberto a ferro. De vez em quando, volto à mesa de operação, porque este se fecha... Cumpri 5 anos e 8 meses de prisão. Cumpri toda a sentença. A anistia veio tarde para mim. Nada lhe devo”.

CATABIS & CATACRESES

FÚTEIS E FUTILIZADOS

1. Brasilino, cordato e puro, não lê as colunas sociais da metrópole. O seu mundo dele é mais terra a terra. Coisas simples e banais. Por ex. o feijão, o arroz, a condução, a dor de barriga que deu lá no menino, a espinhela caída da sogra etc. e tal.

2. Não lê. Mas se lesse, não compreendia a seriedade de tanta coisa ou fútil ou futilizada.

3. Porque as colunas sociais trazem um ror de coisas fúteis. Relativamente. Porque fúteis amam fúteis. Ou como diz a

escritura: “Abismo chama abismo”. Fúteis descansam do descanso. Tomam férias das férias. Trabalham navegando à bolina em noites de lua. Colecionam casacos de peles raras e gafes das altas camadas. Um amor de futilidades.

4. Tem mais, brasilino: tem muito mais coisa futilizada. Quer dizer: seriam coisas sérias, mas a soçaita futiliza-as amavelmente, reduzindo-as à sua categoria. Ou como diz a velha sabedoria: “Quem disto usa, disto cuida”. Arte vira fútil. Literatura vira fútil. Cultura vira fútil. Política vira fútil. Igreja vira fútil. Tudo

é moda, exibição, status, prazer. E no cimo da pirâmide, sabe quem domina? o rei Mâmon, quer dizer: o dinheiro.

5. O que a soçaita, bem olhada, bem examinada, adora é mesmo o dinheiro. Uma fome sagrada de dinheiro, como única realidade séria no meio de tanta coisa fútil ou futilizada.

6. Não parece mas este é um tema, leitor amado idolatrado, para tua meditação de Quaresma. Um tema que bem poderia desmascarar as muitas catacreses de nossa vida atribulada e mascarada.


DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO DO SENHOR (19-03-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Missa Trabalho e Justiça para Todos, Camp. da Fraternidade 1978.

PROCISSÃO DOS RAMOS

1 CANTO DE ENTRADA

 **Senhor, na tua casa entramos com louvor / nós somos o teu povo, irmãos do teu amor.**

1. Vamos todos, irmãos reunidos, / ao Senhor nosso Deus adorar. / Ele quer, pelo nosso trabalho, / mundo novo e fraterno criar.

2. Mas o homem, no seu egísmo, / muito explora o trabalho do irmão. / Nele ofende a imagem divina / e por isso pedimos perdão.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, graça e paz a todos vocês, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou por nossos pecados, a fim de nos livrar da presente era de maldade, segundo a vontade de Deus nosso Pai.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DO DIA

S. Meus irmãos: durante as cinco semanas da Quaresma, preparamos nossos corações pela oração, pela penitência e pela caridade. Hoje aqui nos reunimos e vamos iniciar, com toda a Igreja, a celebração da Páscoa de nosso Senhor. Para realizar o mistério de sua morte e ressurreição, Cristo entrou em Jerusalém, sua cidade. Celebrando com fé e piedade a memória desta entrada, sigamos os passos de nosso Salvador para que, associados pela graça à sua cruz, participemos também de sua ressurreição e de sua vida.

4 ORAÇÃO

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, abençoei estes ramos para que, seguindo com alegria o Cristo, nosso Rei, cheguemos por ele à eterna Jerusalém. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

5 PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.

S. "Na viagem para Jerusalém, quando chegaram a Betfagé, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos discípulos, dizendo: 'Vão ao povoado que está à nossa frente; chegando lá, encontrarão uma jumenta amarrada, com seu jumentinho ao lado. Desatem-na e tragam. Se alguém disser alguma coisa, respondam: O Senhor precisa dela, mas depois devolverá'. Isto sucedeu para que se cumprisse o que tinha dito o profeta: 'Diga à filha de Sião: Eis que teu Rei vem a ti com toda a simplicidade, montado num animal de carga, junto com seu filho'. Os discípulos foram, seguindo as instruções de Jesus, e trouxeram a jumentinha e sua cria. Depois puseram suas capas no lombo do animal e Jesus montou em cima. Então grande multidão

de gente foi estendendo suas capas pelo caminho; outros cortavam galhos das árvores e com eles forravam o caminho. O pessoal que ia na frente e atrás exclamava: 'Hosana! Viva o Filho de Davi! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hosana! Glória no mais alto dos céus!' Quando Jesus entrou em Jerusalém, a cidade toda se alvoroçou. E perguntavam: 'Quem é ele?' E a multidão respondia: 'É o profeta Jesus de Nazaré, da Galiléia'". — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

6 PROCISSÃO


S. Meus irmãos, imitando o povo que aclamou Jesus, comecemos com alegria a nossa procissão. (Entoem-se cantos ao Cristo Rei).

7 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, para dar aos homens um exemplo de humildade, quisestes que nosso Salvador se fizesse homem e morresse na cruz. Concedei-nos aprender os ensinamentos de sua paixão e ressuscitar com ele em sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

8 PRIMEIRA LEITURA

 C. A primeira leitura é tirada do Profeta Isaías, cap. 50, versos 4 a 7. A fim de fazer a proclamação da Boa-Nova libertadora e viver coerente com ela, o Servo de Deus enfrentou os sofrimentos, antes de chegar à sua glória.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías. «O Senhor Deus me concedeu o poder de falar como seu discípulo. E pôs em minha boca as palavras, para aconselhar e levantar o ânimo do que está abatido. Cada manhã, ele me desperta e eu o escuto como bom discípulo. O Senhor Deus me abriu os ouvidos e eu não resisti nem voltei atrás. Ofereci as costas aos que me golpeavam e minhas faces aos que me arrancavam a barba; não desviei o rosto às injúrias e aos escarros. O Senhor Deus vem em minha ajuda, por isso não me importam as ofensas. Por causa disso, meu rosto tornou-se duro como pedra, seguro de que não ficarei desapontado». Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

9 CANTO DE MEDITAÇÃO

Felizes os que ouvem a Palavra do Senhor / felizes os que buscam a justiça e o amor.

1. Volta, meu povo, ao Senhor, mudando a vida / mudando a história por ti mesmo construída.


2. Clamas por Deus, mas O oprimes no operário / que tem direito a bom trabalho e a bom salário.

10 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Filipenses, cap. 2, versos 6 a 11. Sendo Deus, não devendo nada, sendo poderoso, Cristo assumiu a condição humana e ensina que as coisas acontecem como resultado de luta para que elas aconteçam.

L. Leitura da Carta de S. Paulo aos Filipenses. «Jesus Cristo era de condição divina, mas não se apeçou aferradamente à igualdade com Deus. Ele se diminuiu a si mesmo, tomando a condição de escravo, e se fez igual aos homens. Reconhecido em tudo como homem, ele se humilhou e tornou-se obediente até à morte e morte na cruz. Por isso Deus o engrandeceu e lhe outorgou um nome que está acima de qualquer outro nome. Isso para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos no céu, na terra e nos infernos. E toda língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

11 ACLAMAÇÃO

 **Bendita seja a Palavra do Senhor! / Bendito quem a vive com amor!**

A Palavra de Deus escutai / no Evangelho Jesus vai falar: / "A Justiça do Reino do Pai / procurai em primeiro lugar".

12 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Mateus, cap. 27, versos 11 a 54. Narra os acontecimentos finais da vida, paixão e morte de Cristo. (Pode ser feita por quatro leitores: J = Jesus; C = Comentador; L = Leitor; P = Povo). S. Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo segundo Mateus. L: Jesus foi conduzido à presença do governador, que lhe perguntou: C: "Você é o rei dos judeus?" L: Jesus respondeu: J: "O que dizes é verdade". L: Mas, ao ser acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo, ele nada respondia. Disse-lhe então Pilatos: C: "Não ouves o que dizem contra ti?" L: Mas ele não respondeu coisa alguma, de modo que o governador estava muito admirado. Por ocasião da festa, era costume que o governador concedesse liberdade a um prisioneiro da escolha do povo. Nessa altura, havia um preso afamado, chamado Barrabás. Pilatos falou ao povo que ali se encontrava reunido: C: "Quem vocês querem que eu solte? Barrabás ou esse Jesus, chamado Cristo?" L: Pilatos sabia que, por inveja, o haviam entregue ao tribunal. Enquanto estava sentado no tribunal, sua mulher mandou lhe dizer: C: "Não te envolvas com este homem, porque ele é inocente e muito sofreu hoje em sonhos, por causa dele". L: Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo persuadiram a multidão que pedisse Barrabás e condenasse Jesus à morte.

Tomando a palavra, o governador falou: C.: "Qual dos dois vocês querem que eu solte?" L.: Eles responderam: C.: "Barabás!" L.: Pilatos falou-lhes novamente: C.: E o que vou fazer com este Jesus, chamado Cristo?" L.: Todos responderam: C.: "Que ele seja crucificado!" L.: Pilatos insistiu: C.: "Qual foi o crime que ele cometeu?" L.: Eles gritaram mais ainda: C.: "Que ele seja crucificado!" L.: Vendo Pilatos que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos, na presença da multidão, dizendo: C.: "Sou inocente do sangue deste justo. Isso agora é com vocês". L.: E todo o povo respondeu: C.: "Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos". L.: Pilatos soltou-lhes Barabás. Quanto a Jesus, após mandar açoitá-lo, entregou-o para ser crucificado. Então os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e reuniram o destacamento ao redor dele. Tiraram-lhe a roupa e lhe puseram em cima um manto de púrpura; teceram uma coroa de espinhos e puseram sobre sua cabeça e também uma cana, como cetro, em sua mão direita. A seguir, faziam zombarias, ajoelhando-se ante ele dizendo: C.: "Salve, rei dos judeus!" L.: E cuspiam em seu rosto e lhe tiravam a cana da mão, para bater com ela em sua cabeça. Após estas zombarias, retiraram-lhe o manto, deram-lhe sua roupa para vestir e o levaram para ser crucificado. Ao sair, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e o obrigaram a carregar a cruz de Jesus. Quando chegaram ao lugar que se chama Gólgota, palavra que significa Caveira, deram-lhe a beber vinho misturado com fel. Jesus provou, mas não quis beber. Ai o crucificaram e depois sortearam entre eles sua roupa. Depois ficaram lá, montando guarda. Por cima de sua cabeça, puseram um letreiro, que dizia por que ele tinha sido condenado: "Este é Jesus, o rei dos judeus". Crucificaram com ele dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. Os que passavam por ali, meneavam a cabeça e praguejavam: C.: "Tu que destróis o templo e o reconstróis em três dias, livra-te do suplício e desce da cruz, se és o Filho de Deus". L.: Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo zombavam dele dizendo: C.: "A outros salvou e a si mesmo não pode salvar. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz e crearemos nele. Põe sua confiança em Deus e se Deus o ama, que o livre agora, pois ele mesmo dizia: "Sou o Filho de Deus". L.: Até os ladrões, crucificados a seu lado, o insultavam. Do meio-dia até as três horas da tarde, a terra se cobriu de trevas. Cerca de três horas da tarde, Jesus gritou com força: J.: *Eli, Eli, lamá sabactani*". L.: O que quer dizer: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Ao ouvir, alguns dos presentes disseram: C.: Ele está chamando por Elias". L.: E logo um deles correu, tomou uma esponja, mergulhou-a no vinagre, pôs a esponja na ponta de uma cana e lhe deu para beber. Outros diziam: C.: "Deixa! Vamos ver se Elias vem salvá-lo". L.: Então Jesus gritou de novo e deu o último suspiro. *(Aqui se faz genuflexão e pequena pausa)*. Então o véu do templo partiu-se de cima a baixo em duas partes; a terra tremeu e fenderam-se as rochas; os túmulos se abriram e ressuscitaram muitos corpos de santos que estavam mortos, os quais, após a ressurreição de Jesus, saíram das sepulturas, foram à Cidade Santa e apareceram a muita gente. O

centurião e os que com ele montavam guarda a Jesus, ao verem o tremor de terra e o que estava acontecendo, ficaram apavorados e disseram: C.: "Este homem era mesmo Filho de Deus".

13 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

14 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. Criador do céu e da terra...

15 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, Cristo se tornou obediente até a morte, a fim de cumprir o plano de Deus a seu respeito. Deus tem um plano para cada um de nós. Nossa vida tem sentido e nossas qualidades produzirão fruto, se ficarmos dentro do plano de Deus. Peçamos que ele nos dê força de executá-lo:

L1. Para que todos os homens encontrem na Igreja de Cristo a esperança, em meio às dificuldades da hora presente, rezemos ao Senhor.

L2. Pelos governantes das nações, para que conduzam os homens a um mundo sem preconceitos, divisões e opressões, rezemos ao Senhor.

L3. Para que morra em nós, pela paixão de Cristo, o egoísmo, e sejamos livres para amar e nos doar aos nossos irmãos, rezemos ao Senhor.

L4. Para que os irmãos que, pela morte, participam na paixão do Senhor, gozem da felicidade eterna, em sua glória, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Oremos: Senhor Deus, a paixão de vosso Filho é também figura da paixão do mundo e de todos os homens que sofrem marginalização e carência do que lhes é devido; ajudai a sermos coerentes com o evangelho e capazes de construir a convivência justa e respeitosa para todos os vossos filhos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

16 CANTO DO OFERTÓRIO



Neste pão e neste vinho / o suor de nossas mãos; / o trabalho e a justiça / para todos os irmãos.

1. Ofertamos, ó Senhor, os sofrimentos / dos pequenos e dos pobres, teus amados, / dos que lutam à procura de trabalho / das crianças e anciãos abandonados.

2. Ofertamos a firmeza e a coragem / dos que lutam em favor dos oprimidos / dos famintos e sedentos de justiça / e que são por tua causa perseguidos.

17 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, pela paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, sejamos reconciliados con-

vosco; ajudados por vossa misericórdia alcancemos, pelo sacrifício de vosso Filho, o perdão que não merecemos por nosso comportamento. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

18 PREFÁCIO (próprio)

19 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

20 CANTO DA COMUNHÃO



Renovemos nossa vida / nesta santa comunhão; / na esperança trabalhemos / por um mundo mais cristão.

1. Novamente nos unimos / nesta ceia de perdão / para em Cristo e só por Cristo / encontrar a salvação.

2. Na justiça e no trabalho / povo santo, caminhai / com Jesus ressuscitado / demos novo mundo ao Pai.

2. Na justiça e no trabalho / povo santo, caminhai / com Jesus ressuscitado / demos novo mundo ao Pai.

21 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, estamos alimentados pelo sacramento de vossa palavra e do Corpo e Sangue de Cristo; por sua morte, nos destes a segurança de esperarmos o resultado de vossas promessas; pela sua ressurreição, ajudai a vencermos em nós o que é da morte, para um dia participarmos também de sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. No domingo de ramos, o povo bateu palmas e na sexta-feira santa também; em ambas as ocasiões, em atitude de mera expectativa. Na verdade, após o surgimento da Igreja, só pequeno número de pessoas tomou parte ativa no espetáculo; a princípio, timidamente, mas depois ajudando a transformar a face da terra. Ser cristão não é olhar mas tomar parte. Não é olhar o Cristo de longe, através de fantasias religiosas pessoais, para ficar esperando pelo que pode acontecer. Ser cristão é fazer acontecer, porque o acontecer deve depender de nós. Religião de vivas e de torcida é festividade que passa, como passam os momentos emocionais. Cristianismo é tomar o evangelho como plano de Deus a ser executado na convivência humana, engajar-se na obra e guardar a coerência de Cristo, mesmo, que tenhamos de passar pela cruz que ele passou.

23 CANTO FINAL

24 BENÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

E. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

IMAGEM COTIDIANA

1. Venham todas, todas sem exceção, venham gestantes, venham nutrízes, venham crianças, venham inscrever-se, venham buscar seus carnês, venham saborear o gosto refinado de vossa alimentação complementar. Vocês são uma população carente. Carente de tudo. Sem planejamento familiar, isto é: sem calcular devidamente o número exato e possível de filhos, vocês geram demais. Filhos e filhas demais que excedem a capacidade de produção mundial. O resultado é isto que aí se vê: população demais, população excessiva, miséria, fome.

2. O pobre, esse inimigo. O doutor disse do alto de sua olímpica sabença: não existem povos pobres, existem povos que produzem e povos que não produzem. Entende, zedasilva? pescaste, zefamariadaconceição? O mal de vocês é não produzir bens e produzir filhos. O doutor defendeu com veemência a retomada da construção da ferrovia do aço. Mas nunca defendeu a estrada que serve o homem, sobretudo se este homem é zedasilva e zefamariadaconceição. Há zefas demais. Há zés demais. Tudo gente improdutiva de bens e produtiva de gente.

3. Eis o mal. No entanto sucede que o sistema produza demais. E eis o sistema preocupado em consumir e fazer consumir. Daí as campanhas. Campanha alimentar distribui carnês em São João de Meriti, em Nova Iguaçu, Nilópolis. Baixada recebe alimentos grátis. Distribuição que se estende a mais de trinta mil. Eis o Esquadrão da Vida inventado pela fantasia inócua do grande jornalista. Eis a população carente, legiões de seres-fantasmas, irmãos nossos famintos e frágeis esperando vitaminados para sobreviver mais alguns dias. (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA: PRÓPRIAS.

MINISTÉRIO DA PALAVRA CAMPANHA DA FRATERNIDADE E ESTRUTURAS DE IGREJA

Missão profética voltada para dentro — Revisão corajosa — Atingir os cristãos — O papel das elites cristãs — Periférico e profundo — Exemplo: posseiros.

A Folha: *A Campanha da Fraternidade procura conscientizar os cristãos para assumirem sua responsabilidade social, a partir sempre da mensagem de Jesus Cristo. Jesus Cristo está sempre no centro. Embora a Campanha vise a uma nova ordem social, de acordo com o Evangelho, será errado pensar que também se dirige às estruturas humanas da própria Igreja? Que é que o senhor acha?*

D. Adriano: Uma das coisas mais evidentes para mim é que a missão profética da Igreja deve atuar antes de tudo dentro da própria Igreja. A Igreja tem de aplicar o seu profetismo primeiro a si mesma. E com o máximo empenho e rigor. Enquanto instituição de pessoas humanas, a Igreja participa também de nossa fragilidade e de nossas misérias. Assim, no contexto da Campanha da Fraternidade de 1978, é necessário que a Igreja, como Igreja, faça uma revisão de suas estruturas, de seu comportamento, de suas atitudes, para ver se na prática realiza, dentro dela mesma, o formidável lema: "Trabalho e Justiça para todos". Quanta coisa em nossa Igreja que desafia o profetismo e a fé cristã. A Campanha da Fraternidade e, como expressão do profetismo cristão, tem de aplicar-se em primeiro lugar à própria Igreja. Isto é que nos dá autenticidade e dá à Igreja credibilidade no exercício de sua missão.

A Folha: *A quem é que a Campanha da Fraternidade gostaria de atingir, para ser bem sucedida?*

D. Adriano: A Campanha da Fraternidade com seu lema deste ano "Trabalho e Justiça para todos" gostaria de abranger primeiramente todos os cristãos engajados, de modo que assumissem também este aspecto da mensagem cristã. Penso nos cristãos que se encontram nas camadas sociais mais altas, com certo poder de decisão. Cabe às elites um papel muito importante (não exclusivo) no processo

social. São elites formadas por cristãos! Há neste caso um dever grave de consciência. Infelizmente muitos cristãos de elite conservam do Cristianismo uma noção periférica ou incompleta. Lêem por ex. no jornal que o Santuário de Aparecida recebeu oitenta mil romeiros no dia de N. Senhora Aparecida (12 de outubro), e vêem nisto a expressão típica e mais profunda de Catolicismo e de Cristianismo. Também no fato de se ter inaugurado o campanário da Catedral de Brasília, na bênção de mil animais no dia de São Francisco, na água "para lavagem de olhos" que se distribui no dia de Santa Luzia, etc., etc. Claro, estes aspectos secundários, folclóricos fazem parte do fenômeno religioso, mesmo cristão. Mas há realidades muito mais profundas e essenciais que não deveriam ser desconhecidas. Pelo contrário: deveriam ser conhecidas e aceitas como expressão autêntica da Igreja.

A Folha: *O senhor gostaria de lembrar alguns aspectos que ilustrem o seu pensamento?*

D. Adriano: Um problema social de grande alcance é o dos posseiros. Em todo o Brasil, inclusive mesmo aqui no Estado do Rio, acontecem casos numerosos e frequentes de pessoas que são expulsas das terras que ocupavam. Aos mais diversos títulos. Inclusive por fraude. Vários bispos tomaram a defesa dos posseiros e chamaram a atenção dos poderes públicos. Cito o exemplo de D. Pedro Casaldáliga, de D. Jairo Rui Matos (Bonfim, Bahia), de D. José Rodrigues (Juazeiro, Bahia), de D. Pascasio Rettler (Bacabal, Maranhão), etc., etc. Tomando a defesa dos pobres e dos fracos, estão cumprindo sua missão apostólica, sobretudo porque agem dentro da lei do nosso país. No entanto sua ação parece a muitos, inclusive cristãos, como interferência na Política.

LITURGIA & VIDA SEMANA SANTA

Durante a Quaresma a Igreja acentuou de modo especial o seu esforço de conversão contínua. Foram quarenta dias — o número quarenta entre os judeus indica uma duração bastante longa ou a vida de uma geração — de profetismo dirigido para a vida íntima da Igreja, de cada um de nós.

Teremos aproveitado este tempo forte do ano litúrgico?

Paramos um pouco no caminho da vida, para olharmos a realidade do nosso Cristianismo?

Convertemo-nos em alguma coisa?

O irmão passou a ter um lugar mais importante em nossas preocupações?

A Semana Santa apresenta-nos diante dos olhos cansados e perturbados o acontecimento histórico que foi a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo — como fonte absoluta de conversão, de libertação e de salvação.

Acontecimento histórico? Sim, sem dúvida nenhuma. Em determinado momento da História o Filho de Deus se faz homem. Como Homem-Deus torna-se o mediador entre Deus e os homens,

único mediador, como afirma S. Paulo: "Há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens: Cristo Jesus, homem também que se entregou a si mesmo como resgate por todos" (1Tm 2,5-6). A epístola aos Hebreus (talvez escrita por um discípulo de S. Paulo) ensina: "Ele (Jesus Cristo) é o mediador de uma nova aliança, a fim de que, sendo sua morte para perdão das transgressões da primeira aliança, os que foram chamados recebam a herança eterna que lhes fora prometida" (Hb 9,5). E mais adiante (Hb 12,24): "Vocês se aproximaram de Jesus, mediador da nova aliança e de um sangue que, aspergido, supera em poder o sangue de Abel".

A Semana Santa nos mostra que é definitivo para toda a humanidade, para cada um de nós, o acontecimento da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Todos fomos salvos no sangue de Jesus. Acontecimento histórico, único e singular, a cruz de Cristo destruiu toda a hipoteca do pecado que pesava sobre nós (cf. Cl 2,24). Pelo sangue da cruz de Cristo sempre se faz reconciliação e paz entre Deus e o pecador convertido.